



mutações do laço social
o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

O Um e o novo amor

Samyra Assad

*Perguntamo-nos como alguém que foi analisado
poderia ainda se imaginar como sendo normal.*

Jacques Alain Miller¹

Trago então, inicialmente, uma “poesia surpresa”: Eu a nomeei como tal, assim que a encontrei em um dado amanhecer, há um tempo atrás:

Prá onde vc vai?
Vou cantar.
Mas, prá onde você vai?
Para o topo do mundo.
O que vc vê? O que tem lá?
O infinito. O eco da voz.

Ocorreu-me lembrá-la quando me deparei com um artigo de M.H. Brousse, “A solidão dos corpos”², onde se examina a aproximação radical entre o isolamento dos corpos como efeito da pandemia atual e a expressão “corpo falante” – a solidão dos Uns sozinhos na roupagem do confinamento realiza a noção do corpo falante. Ainda que o comando pelo gozo na sociedade hipermoderna seja trazido, por exemplo, pelo recrudescimento das imagens através do virtual, nosso interesse implicaria verificar esse comando na depuração de um processo analítico, onde a ressonância que se apresenta a partir do Um sozinho – esse momento lógico anterior ao Outro para o

¹ “O inconsciente e o corpo falante” - Conferência de encerramento do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, em 17/04/2014, apresentando o tema do X Congresso.

² Brousse, M.H. – Lacan Quotidien, n. 883, 23/04/2020.

sujeito e encarnado agora pelo sinthoma – se situaria no campo do inconsciente real.

A união da fala com o corpo, no registro do real, é, portanto, o cerne da questão. Mas, “como abordar isso”³? Brousse interroga, e propõe, a partir do curso de Miller, Um esforço de poesia, o “fogo da língua poética”. No que a língua francesa permite escrever, vale citar uma direção aí trazida: “Suivons en-corps cette orientation”. O “fogo da língua poética” poderia se referir à contingência de um significante que marca o fim de uma repetição do sentido proveniente de uma lógica paterna na via do inconsciente transferencial. Se a poesia se encontra “na borda entre o sentido (orientação do desejo) e uma significação (amorosa)”, é daqui que se extrairia, de algum modo, “a presença das palavras reduzidas em pura sonoridade (...) aquilo que resta da linguagem quando ela está conectada à significação”⁴. Há um gozo desembaraçado da linguagem presente no barulho, som, voz – o que permitiria pensar uma satisfação, por exemplo, na solução que comporta o prazer pelo intraduzível inerente ao som de uma língua estrangeira nas manifestações da voz ou canto do mundo...

Pergunto-me, portanto, se a solidão resultante do final de uma análise, inerente à existência do Um sozinho, seria um sinthoma, à medida que os restos sintomáticos ecoados deste Um captariam os signos de uma nova parceria, sinthomática, no laço social. O novo amor estaria então ligado ao que ecoa do Um como sinthoma, na condição de gozo que o determina, fora do sentido, evidenciando-se aí o aspecto de que “o amor é vazio”⁵. Enfim, seria o novo amor aquele que não obscurece o furo da não relação entre os sexos, a partir do qual o laço social seria calcado no sinthoma?

(Continua...)

3 Miller, J.-A. “Um esforço de poesia”, Orientação Lacaniana III, 2002-2003, curso inédito.

4 Brousse, M.-H. – Lacan Quotidien, n.883, 23/04/2020.

5 Lacan, J. – “Rumo a um significante novo”, Opção Lacaniana n. 22, São Paulo, 1998, p. 8.